

Europa relança debate sobre a desvalorização do real

Economia - Brasil

Paris - Se as reservas brasileiras continuarem caindo e ficarem abaixo dos US\$ 20 bilhões, o FMI poderá não se opor a uma eventual desvalorização do real, apesar de seus efeitos desestabilizadores sobre outros países do continente, principalmente a Argentina. Essa é a impressão de certos meios financeiros europeus reveladas pelas páginas econômicas do jornal "Le Figaro", em longo artigo sobre a evolução da situação econômica brasileira e as dificuldades que o presidente Fernando Henrique Cardoso enfrenta no Congresso para aprovar as reformas prometidas ao próprio Fundo Monetário Internacional.

Se oficialmente a desvalorização tem sido sempre desmentida, os rumores são constantes junto aos meios financeiros europeus. O jornal ilustra sua matéria com uma charge sugestiva: um fiscal do FMI olhando de longe um mapa

negro do Brasil inteiramente quebrado. Outras áreas admitem que se isso ocorrer, diante da constante fuga capitais, mesmo se a saída atual é menos intensa do que a do mês passado, o acordo com o FMI, que envolve um envelope de US\$ 41,5 bilhões, poderá ser simplesmente neutralizado por não cumprimento de todos os itens pré-estabelecidos do acordo.

Acordo

Uma missão do FMI estaria chegando a Brasília com essa missão. A declaração da moratória mineira pelo governador Itamar Franco e as hesitações do governador do Rio de Janeiro, Antony Garotinho, em cumprir seus compromissos com o governo federal constituem fatos novos que poderão tornar ainda mais difícil o debate sobre o plano de ajustamento fiscal, segundo revela o jornal econômico francês "La Tribune",

expressando seu temor pelo futuro do ajuste fiscal, um programa fortemente ameaçado pelos congressistas.

O jornal cita a "Agência Estado" para desmentir a intenção do governo de renegociar o acordo com o Fundo, mas lembra que as reservas de 36,2 bilhões de dólares já estão bem abaixo (2,3 bilhões de dólares) do que havia sido previsto quando da negociação com o FMI e o G-7. O jornal francês "Le Figaro" trata também dos títulos da dívida externa brasileira, os chamados "REP 27", que estão sendo negociados a 68% de seu valor, uma perda de 28,65% de seu preço em 1998.

O matutino compara esses títulos com os argentinos negociados a 90,25% de seu valor fiscal, enquanto os do México realizam um ágio de 7%, para concluir que a cotação dos títulos brasileiros atualmente não é das melhores.